

UMA GEOGRAFIA DECOLONIAL DA PANDEMIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES¹

Carlos Walter Porto-Gonçalves*

Pedro Henrique Rocha**

Helena Trindade**

Vivemos uma quadra histórica que vem sendo caracterizada como caos sistêmico (ARRIGHI, 1996; WALLERSTEIN, 2002), como crise de um padrão de poder e de saber (QUIJANO, 2009) ou como crise de uma geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2005) que nos governa há 500 anos. Como sabemos, desde Fernand Braudel, tempos vários se imbricam desde os tempos de larga e média duração ao tempo dos acontecimentos (Braudel apud Wallerstein, 2002). Trata-se de um momento de crise civilizatória, sobretudo de uma civilização que se impôs ao mundo através de uma racionalidade técnico-econômica a que subjaz uma vontade de poder de “dominação da natureza”, conforme a expressão emblemática de Francis Bacon (1561-1626).

A pandemia do coronavírus/COVID-19 deve ser entendida nesse contexto como um evento imbricado nesse tempo civilizatório e num tempo marcado pela racionalidade técnico-econômica. Nesse contexto, a crise de hegemonia política, geopolítica, se manifesta com toda força e qualquer evento se torna uma oportunidade para se afirmar e/ou desqualificar eventuais adversários. É o que observamos com relação à pandemia, pelo caráter global nela implicado e no desconhecimento da sua natureza cujos efeitos ameaçadores implica a todos. As divergentes narrativas já começam pelas abordagens sobre a origem do vírus. Acautelemo-nos: “na guerra, a primeira vítima é a verdade” (Ésquilo, 525-456 a.C.). Assim, dentre as várias hipóteses sobre a origem da COVID-19.

“Uma delas seria que o vírus teria escapado de um laboratório de investigação de armas biológicas que incluía manipulação genética – ou outros meios – de vírus e bactérias para fazê-los mais infecciosos a seres humanos, supostamente em busca de vacinas e antídotos contra eles” (RIBEIRO, 2021).

¹ Esse artigo é o segundo de uma série - “Pandemia: De Ruptura Metabólica e Crise Sistêmica” - que resulta do projeto de pesquisa “Desigualdade Socioespacial e a Expansão da COVID-19 no Brasil” aprovado pela Pró-reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, Pró-reitora de Graduação e Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal Fluminense/UFF. Agradecemos a leitura atenta de Gabriel de Sousa Ferreira e Vicente Brêtas Gomes dos Santos, os mais novos Pesquisadores Júniores do LEMTO.

Nesse caso, analistas localizam laboratórios tanto estadunidenses como chineses como possíveis lugares de origem². A analista Silvia Ribeiro, do ETCGroup³ nos informa que há

Outras hipóteses que associam a origem e difusão do SARS-2 – e outras enfermidades zoonóticas e pandêmicas, como a gripe aviária e a suína – às interações do sistema alimentar e agropecuário industrial, à destruição da biodiversidade, ao aumento de transportes por tratados de livre comércio, aos deficientes sistemas de saúde e à falta de acesso à água e à alimentação sadia, [que] não são opostas. São complementares, em qualquer caso amplificam os impactos. Apesar das enormes inversões públicas em arriscadas aventuras corporativas como vacinas gênicas, as causas da pandemia seguem intactas, gestando as próximas (RIBEIRO, 2021. Tradução nossa.).

As epidemias que grassaram em diversas regiões do mundo nos últimos 20 anos (SARS, MERS, Gripe Aviária – H5N1, Gripe Suína – H1N1, Ebola, Zika e COVID-19), tiveram sua origem na expansão/invasão de um modo de produção industrial que vem substituindo geossistemas, sobretudo não-urbanos (ecossistemas e agrossistemas), que se reproduziam/reproduzem com base no Sol nosso de cada dia (fotossíntese), por geossistemas com base na energia fóssil, ou seja, na energia mineralizada há milhões de anos sob a forma de carvão, gás e petróleo. Passamos, assim, de modos de produção/reprodução com base na *neguentropia*⁴ (LEFF, 2006), na *autopoiesis*⁵ (MATURANA; VARELA; ACUÑA LLORENS, 1997), para um modo de produção/reprodução entrópico. Esse modo de produção/reprodução urbanocêntrico implicou, sobretudo nos anos pós-Segunda Guerra, um aumento exponencial da demanda de matéria e energia que proporcionou a invasão de territórios outros favorecendo o capital em seus modos financeiro, industrial, extrativismo mineral e, particularmente para o que nos interessa mais de perto, uma agropecuária com base na industrialização com monoculturas de plantas e de animais. Essa agropecuária industrializada produz não só muitos grãos e muita carne, como produz também populações de sem-terra desruralizadas e sub-urbanizadas em condições precárias. Agora, com o Coronavírus, se torna público

² “Haja sido ou não um escape de laboratório, está claro que os riscos deste tipo de investigação são inaceitáveis, não se justificam em nenhum caso e devem ser proibidos em todo o mundo. Os acidentes em laboratórios de alto nível de biossegurança ocorrem muito mais a miúdo do que imaginamos”, alerta Silvia Ribeiro em (<https://tinyurl.com/yyxcxjco>).

³ O ETCGroup é uma organização de cientistas que trabalha “brindando informação e análises das tendências socioeconômicas e tecnológicas e as alternativas que existem”. Trata-se de uma das fontes mais confiáveis de análise crítica das opções políticas que se fazem por meio da tecnologia em curso. Consultar <https://www.etcgroup.org/es>.

⁴ Neguentropia, também designada sintropia ou entropia negativa, mede a organização das partículas de um sistema. Diz respeito ao que contribui para o equilíbrio e para o desenvolvimento organizacional. É um princípio simétrico e oposto ao de entropia física.

⁵ Autopoiesis, segundo Maturana e Varela (1995), é o que define um ser vivo enquanto tal, o fato de se produzirem continuamente a si mesmos, sua capacidade de autocriação em uma dinâmica de relações em uma contínua rede de interações.

que também produz patógenos que afetam as populações mais vulneráveis seja por sua idade seja por suas condições sociais-ambientais precárias.

Como “em qualquer tempo e em qualquer época, a saúde humana tende a seguir as tendências dos sistemas sociais e do ambiente natural” (HERRERA, 2020), o aparecimento das doenças acima mencionadas indica que definitivamente não escapamos, como sociedade, do metabolismo da reprodução da vida. As cadeias tróficas não são externas às sociedades humanas e as sociedades humanas não se desenvolvem fora da natureza, como pensa a racionalidade que se impôs ao mundo desde o Renascimento e o Iluminismo europeus, com sua geopolítica do conhecimento, segundo Walter Mignolo. Afinal, os seres humanos que conformam as sociedades culturalmente referidas e politicamente organizadas são seres biológicos e os corpos de cada quem são a melhor síntese (*bios + polis*) da relação sociedade-natureza (PORTO-GONÇALVES, ROCHA e TRINDADE, 2021). Enfim, a vida, como tal, estava fora do horizonte epistêmico e político nesse magma de significações imaginários (CASTORIADIS, 1982) como vem insistindo o filósofo Enrique Leff (2006). Afinal, tem prevalecido a produção sobre a reprodução e o trabalho por sobre a vida, conceitos que devem ser dialetizados e não dicotomizados como até aqui.

Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 é um forte indicador do caos sistêmico dos tempos que vivemos. A patologia encontrou a população mundial em uma situação de extrema vulnerabilidade, ainda que de modo desigual segundo a geografia social e política em sua colonialidade constituinte. Vejamos.

A Geografização do Coronavírus

Ainda que a velocidade de propagação do vírus seja uma característica que difere o SARS-CoV2 de outros vírus/patologias, a velocidade em que os saltos epidemiológicos-geográficos ocorreram desde Wuhan, na China, até os países vizinhos da Ásia e para a Itália, os Estados Unidos e para França foi muito rápido. Acompanhamos a hipótese apontada por Ricardo Méndez (2020) ao nos dizer que

A transmissão das epidemias é conformada por um processo espaço-temporal complexo, que tem lugar em diferentes escalas [...] essa complexidade tem sido aumentada com a globalização, que facilita a propagação das enfermidades virais através das múltiplas redes de comunicação que servem de veículos para uma mobilidade humana crescente e aceleram os processos, pelos quais resultam em uma dificuldade cada vez maior de desenvolvimento de estratégias efetivas de contenção. (MENDEZ, 2020: 39. Tradução nossa.)

O autor também afirma que a difusão espacial do Coronavírus/COVID-19, a princípio, esteve relacionada com o transporte aeroviário. Assim, divide a difusão da patologia em três etapas.

“Na primeira, desde o foco originário de Wuhan se iniciou uma difusão local, a curta distância, que logo se prolongou de forma axial ao largo das principais vias de comunicação para Shanghai, Pequim, Guangzhou e Shenzhen. Na segunda, desde começos de 2020, aproximadamente, a onda de contágio se trasladou com rapidez para as grandes cidades europeias, asiáticas e estadunidenses, que são as mais conectadas com as metrópoles chinesas, assim como entre umas e outras (em menor medida para as megalópoles de outras regiões), o que deu prioridade à difusão por saltos. Em uma terceira etapa, o vírus se estendeu no interior dessas grandes áreas urbanas e em seus entornos periurbanos com um grande número de segundas residências, para trasladar-se também em cascata para outras cidades de nível inferior ou para espaços turísticos, cobrando de novo importância a difusão por contiguidade e hierárquica”. (MÉNDEZ, 2020:47. Tradução nossa.)

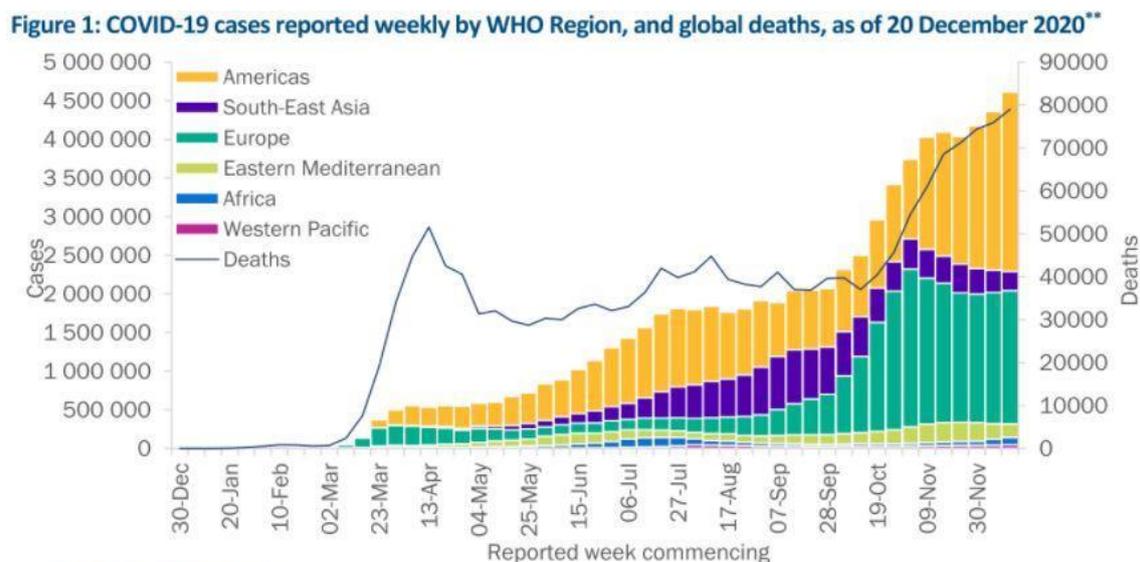
Chama a atenção o fato de serem as camadas mais favorecidas da população as que, a princípio, veicularam o Coronavírus com seus próprios corpos em movimento. Não esqueçamos que, ainda que cada vez mais gente se desloque de avião, este meio de transporte está longe de ser o principal meio de transporte dos grupos/classes sociais em situação de opressão/exploração/subalternização.

O caráter assimétrico das relações sociais e de poder da sociedade se mostrou sobretudo no segundo momento da pandemia, com a *contaminação comunitária*. As classes médias e ricas da sociedade, é dizer, aquelas que se apropriam da maior parte da riqueza que, no fundo, é produzida por todos, desfrutam de condições que lhes permitem se proteger de uma eventual contaminação mantendo isolamento social e tendo condições de higiene tanto ambientais (urbanísticas, como acesso a água, energia, coleta de lixo, saneamento básico) como pessoais (lavar as mãos, usar máscaras e usar álcool em gel). São os que precisam sair de casa para trabalhar, diga-se de passagem, não só para ganhar o pão de cada dia, mas também para produzir a riqueza desfrutada por todos ainda que de modo desigual, os que ficam mais expostos à aglomeração nos transportes coletivos, quase sempre de péssima qualidade e, assim, mais expostos à contaminação pelo Coronavírus. Haja contradição: toda a recomendação é para que se mantenha o isolamento social quando a maior parte da população não tem condições de fazê-lo, haja vista viver em situação de opressão/exploração/subalternização que a impede de cumprir a recomendação. Assim, suas precárias condições de vida lhes impõem condições de morte, seja pela contaminação do Coronavírus, seja pela fome.

As Diferentes Situações da Pandemia segundo as Regiões do Mundo

Um olhar sobre a geografia mundial da COVID-19, através dos dados consolidados pela OMS até o dia 20 de dezembro de 2020, registra que 75.129.306 pessoas já haviam sido infectadas com a patologia e 1.680.794 pessoas foram a óbito em decorrência, uma letalidade de 2,2%. Números verdadeiramente extraordinários e preocupantes, ainda que a figura a seguir traga surpresas em sua geografia!

Figura 1. Casos e óbitos de COVID-19 reportados semanalmente pelas regiões da OMS até 20/12/2020



**See data table and figure notes.

Fonte: OMS (2020).

O gráfico da Figura 1 acima nos permite identificar um comportamento da patologia em ondas. Uma primeira onda de casos e óbitos se deu desde o início de janeiro até maio de 2020. Uma estabilização se estabeleceu entre maio e setembro/outubro, quando uma nova onda se desenvolveu até dezembro de 2020⁶. Desde então, vem se mantendo em aumento até março de 2021, quando escrevemos esse artigo.

Em todo o período acima considerado se destacam, pelos elevados números de casos e óbitos, as Américas (EUA e Brasil à frente) e a Europa seguidos pelo Sul-Sudeste da Ásia (onde estão a Índia e o Paquistão) e o Oriente Médio. A África e o Pacífico Oeste (onde estão a China, o Japão e as Coreias) apresentam os menores registros, ainda que por razões diferentes. Observe-se (Figura 1) que, desde março de 2020, quando o número de casos de contaminação pelo Coronavírus atingira 500 mil pessoas, as Américas passaram a liderar esse nefasto ranking, superando a Europa. Desde

⁶ Considere o leitor que o prazo da pesquisa-base desse artigo foi 30 de dezembro de 2020.

outubro de 2020, quando o número de casos no mundo havia se multiplicado por 6, atingindo 3 milhões de pessoas infectadas, a Europa volta a rivalizar com os EEUU.

Tabela 2. Casos, Óbitos e Letalidade por COVID-19 no mundo até 20/12/2020

Regiões da OMS	Casos			Óbitos			Letalidade
	Acumulados	por milhão de habitantes	%	Acumulados	por milhão de habitantes	%	
África	1.716.697	1.530	2%	37.741	34	2%	2.2
Américas	32.437.597	31.715	43%	809.105	791	48%	2.5
Europa	23.691.857	25.382	32%	522.719	560	31%	2.2
O. Médio	4.665.285	6.384	6%	115.495	158	7%	2.5
Pacífico Oeste*	1.006.682	512	1%	18.895	10	1%	1.9
S-SE Ásia	11.610.444	5.744	15%	176.826	87	11%	1.5
Global	75.129.306	592	100%	1.680.794	10	100%	2.2

Fonte: OMS, 2020.

Os dados da Tabela 2 acima precisam ser analisados com cuidado, pois além do que sugere o título, revelam não somente os casos de contaminação e óbitos pelo Coronavírus/COVID-19 em suas proporções, segundo as diversas regiões com que a OMS regionaliza o mundo. Não, esses dados também revelam as condições desiguais com que as diferentes regiões e seus estados se encontram para se protegerem de fenômenos como as epidemias e pandemias. As Américas, com 43% do total de pessoas contaminadas, e a Europa com 32%, ultrapassam em muito a sua porcentagem demográfica mundial, de 13,4% e 12,3%, respectivamente. Em outros termos/números, as Américas e a Europa somadas registraram 75% dos contaminados do mundo com uma população de 25,7%! Esses números indicam não somente a extraordinária contaminação dessas populações, mas também o maior número de testes aplicados à população, o que permite um maior número de registros de contaminados. Note-se, no entanto, que mesmo registrando 75% dos contaminados por Coronavírus no mundo, essas duas regiões, com apenas 25,7% da população mundial, registraram 79% dos óbitos por COVID-9 no mundo até 20/12/2020, segundo a OMS! Há que considerar que há subnotificação nas regiões periféricas e dependentes, o que indica mais um dos efeitos perversos de um sistema mundo capitalista moderno-colonial por suas implicações para a humanidade como um todo!

O desconhecimento da natureza do Coronavírus, a vulnerabilidade da população (doenças prévias, precariedade de condições urbanísticas, precariedade laboral, composição etária⁷) e a limitação dos sistemas médico-hospitalares para assimilar a velocidade da contaminação jogaram, cada um a seu modo (em que proporção?), seu papel nesses números assustadores, sobretudo nessas regiões⁸ que gozam dos melhores índices de desenvolvimento humano, segundo os critérios *eeurocêntricos* como IDH, renda per capita, PIB e outros que vêm sendo usados pela ONU e outras organizações (que deveriam ser) multilaterais.

Tabela 3. Taxa de Casos de COVID-19 por países

País	Casos/milhão de habitantes	Região da OMS
1- Andorra	97.845	Europa
2- Luxemburgo	70.397	Europa
3- Montenegro	70.115	Europa
4- San Marino	62.084	Europa
5- Rep. Tcheca	58.282	Europa
6- Polinésia (Fr.)	57.606	Pacífico Oeste
7- Bélgica	54.008	Europa
8- Bahrein	52.929	Oriente Médio
9- EEUU	52.310	Américas
10- Geórgia	52.301	Europa
Global	592	-

Fonte: OMS (2020b)

Dos 10 países com as maiores taxas de casos por milhão de habitantes, como vemos na tabela acima, 7 são europeus, um é americano (EEUU) e somente 2 países se situam fora dessas regiões “mais desenvolvidas”. Tudo indica que a conectividade à economia globalizada jogue um papel preponderante nessas taxas espetaculares da Europa e dos EEUU, já que a concentração demográfica em metrópoles associada à maior mobilidade das populações pelas facilidades de transportes se tornaram condições favoráveis à propagação do vírus, dada a velocidade com que o Coronavírus se propaga. A maior proporção de idosos no conjunto da população também contribuiu para esses números elevados, haja vista a maior vulnerabilidade desse grupo etário.

⁷ De início as populações mais idosas predominavam sobretudo com relação ao número de óbitos. Na nova onda que se desenvolve desde dezembro de 2020. Essa proporção muda com o aumento dos óbitos entre os mais jovens o que vem se atribuindo às novas variantes mais transmissíveis e letais, com as novas cepas britânica, sul-africana e amazônica.

⁸ Assinale-se que os EEUU registram mais de 50% dos casos e de óbitos das Américas, seguido pelo Brasil.

Ainda que as Américas apresentem níveis de “desenvolvimento econômico” muito desiguais entre seus diferentes países, assim como no interior dos países, é de se registrar, com surpresa, o fato do país economicamente mais potente, os EEUU, figurar como o primeiro entre os 10 países com as maiores taxas de casos e óbitos! Há que se considerar, ainda, nos EEUU, dois fenômenos que vêm contribuindo para esses números elevados de casos e óbitos, a saber: o empobrecimento da população que vem se acentuando nas últimas décadas e a ausência de proteção pública à saúde da população (DAVIS, 2020). É possível que a falta de coordenação política entre os diferentes entes federados sob o governo Donald Trump tenha contribuído para esses números. Tudo indica que uma política de caráter liberal sem coordenação de autoridades sem um caráter de interesse público tenha pouca eficácia nesses casos, como indicam os primeiros dados revelados em março de 2021 após os impactos de medidas de proteção social do novo governo pós-Trump, empossado em janeiro de 2021. Consideremos que em países de grande extensão territorial a ação coordenada entre os diferentes entes político-administrativos (nacionais e subnacionais) se torna ainda mais necessária, como se viu pelo êxito no isolamento de Wuhan, na China, para proteger o resto do país, e como se vem observando a contrário no Brasil e se viu nos EEUU durante o governo Donald Trump.

Ainda sobre os dados da OMS, chama-nos a atenção que duas das regiões mundiais situadas no continente asiático, a saber, o Sul-Sudeste da Ásia e o Pacífico Oeste⁹, com 51,7% da população mundial tenham registrado somente 16% do total dos contaminados no mundo e 12% dos óbitos! É interessante observar os índices de contaminados e de óbitos na região do Pacífico Oeste, onde estão localizados a China, o Japão e as duas Coreias. Apesar de ser uma região de grande contingente demográfico, com 25,4% da população mundial, não foi aí que o vírus se propagou com mais intensidade nas condições de contaminação comunitária/territorial¹⁰. Talvez caiba, aqui, uma outra hipótese para que entendamos o sociometabolismo implicado na relação sociedade-natureza em suas diferentes territorialidades¹¹. O caso da região do Pacífico

⁹ Nessa região, metade dos casos foram registrados num só país, as Filipinas.

¹⁰ Esses dados devem ser relativizados quanto ao número de contaminados pela menor proporção de testes prévios que, assim, tendem a estar subestimados. O mesmo já não ocorre quanto ao número de óbitos que tende a ser mais preciso e à letalidade que diz respeito ao número de óbitos em relação aos contaminados registrados.

¹¹ É importante destacar que não há território sem territorialidade, o que implica considerar as relações sociais e de poder que conformam uma área determinada. Enfim, o território não é somente uma área com determinadas características próprias. É isso e, sobretudo, as relações sociais e de poder que conformam aquele espaço enquanto território que, sempre, é resultado de processos de territorialização. Os limites dos diferentes territórios geralmente

Oeste empresta um sentido mais complexo ao conceito de *contaminação comunitária*. Afinal, uma comunidade não é exclusivamente um agregado de pessoas num espaço geográfico determinado, nem tampouco o território é simplesmente um espaço geográfico diferenciado que, em geografia, seria melhor definido pelo conceito de região. Não, uma comunidade e um território são, sempre, constituídos pelas relações sociais e de poder mergulhadas em tradições culturais num espaço determinado que, cada vez mais, estão imbricadas num sistema-mundo organizado de maneira assimétrica enquanto centro-periferia, inclusive, no interior dos países (colonialismo interno) e mesmo no interior das cidades. No caso dos países da região do Pacífico Oeste, assim como da região do Sul-Sudeste Asiático, há uma dimensão propriamente comunitária tradicional que, de um modo ou outro, se manteve em sua forma primordial de reprodução (ZAVALETA MERCADO, 1982), ainda que se transformando, onde prevalecem relações menos individualistas e uma adesão maior às regras consuetudinárias e seus sistemas de autoridades (HAN, 2020). Talvez isso ajude a entender porque a contaminação comunitária não teria se manifestado com a mesma gravidade como nos países capitalistas mais desenvolvidos do mundo ocidental, onde prevalecem relações societárias mais individualizantes, além de revelar fissuras nos seus sistemas públicos, sobretudo nos últimos anos com a fragilização do caráter público do estado com as políticas liberais.

Alguns autores vêm apontando que o relativo sucesso no controle da pandemia pelo governo chinês teria sido fruto de seu grau de centralização e do controle hierárquico efetuado pelo regime político comunista. Observamos que essa hipótese deva ser relativizada haja vista o êxito no controle da pandemia em países como a Coreia do Sul e o Japão, com regimes políticos liberal-capitalistas, ainda que mantendo tradições comunitárias importantes¹².

Há que se indagar até que ponto o atual desenvolvimento das forças produtivas na China, no Vietnã, no Japão e na Coreia do Sul afetarão essas tradições comunitárias, haja vista que esse desenvolvimento tende a sobrevalorizar o conforto material e o gozo individuais em detrimento do interesse coletivo e/ou comunitário. E o gozo individual¹³

derivam de *fronts*, conflitos/acordos/alianças que conformam as fronteiras. Não olvidemos que limite é a origem, em grego, da palavra política.

¹² No caso da China há que se admitir que desde a construção da Grande Muralha se forjou uma unidade política de grande extensão territorial com sucessivos governos centralizados e seus gestores que os gestores do Partido Comunistas deram continuidade, desde 1949. No período de 1949 a 1978 as tradições camponesas comunitárias foram muito incentivadas, além de obterem resultados satisfatórios com relação à alimentação da população e o aumento da expectativa média de vida de 45 para 68 anos entre 1949 e 1978.

¹³ Sigmund Freud (1856-1939), em seu opúsculo *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), chama a atenção para o significado nefasto a que poderíamos ser levados com a exacerbação coletiva do individualismo, o que tende a se dar

(FREUD, [1921], 2018) tende a exacerbar o individualismo, a competição e menos a ajuda mútua¹⁴ (KROPOTKIN, [1921], 2009) que vem se revelando importantíssima no trato da pandemia. Afinal, a pandemia explicita a incompletude tanto ambiental como social de cada ser vivo, se é que é possível separar essas dimensões (PORTO-GONÇALVES, ROCHA e TRINDADE, 2021). Devemos destacar que políticas estruturais com base na solidariedade social tendem a registrar resultados melhores quanto à saúde da população, como se viu quando da prevalência do estado de bem-estar social na Europa ocidental, fruto da influência dos sindicatos e dos partidos socialdemocratas, ou ainda nas experiências de regimes comunistas consolidados, como Cuba, a ex-URSS e a China que, ainda na primeira fase de sua revolução até o final dos anos 1970, conseguiu ampliar de 45 para 68 anos a esperança média de vida de sua população. Tudo indica que não é a renda per capita e o aumento do PIB que, por si sós, garantem um estado de bem-estar psicológico, social e ambiental de suas populações¹⁵.

No caso dos países da Europa Ocidental e dos EEUU é preciso considerar os efeitos das políticas neoliberais que, pouco a pouco, desde os anos 1970, com a ruptura unilateral efetuada pelos EEUU do Tratado de Breton Wood, vem retirando o que constava de caráter público do estado que, por sua vez, vem sendo dominado por uma lógica empresarial privatista que vem afetando, inclusive, os sistemas médico-hospitalares. Os EEUU, talvez sejam o exemplo mais nefasto dessas políticas liberalizantes como se vê pelos efeitos devastadores do Coronavírus, ainda que devamos considerar as responsabilidades específicas derivadas de um governo, como o de Donald Trump que, tudo indica, não soube compreender a dimensão pública da saúde por sua formação liberal-conservadora, ainda que tenha comprado vacinas.

Enfim, a pandemia revelou que nossos destinos estão atados aos destinos de cada um e a toda a humanidade, assim como a outras formas de vida não-humanas, inclusive

com o estímulo ao gozo individual. Consideremos suas reflexões diante (1) da exacerbação do consumo, do gozo individual, sobretudo no mundo do pós-guerra, mais ainda, nessa última fase do desenvolvimento do capitalismo conhecida como neoliberal quando, (2) com as redes sociais, a projeção coletiva dos “eus” chega ao paroxismo. Alguns autores destacam que esse pequeno ensaio de Freud teria sido a primeira reflexão que apontaria para o fenômeno do fascismo e seu fundamento liberal-conservador que assimila o princípio hobbesiano da luta de todos contra todos que, numa sociedade desigual em suas relações sociais e de poder, é a aceitação da lei do mais forte.

¹⁴ Destaquemos aqui as investigações científicas e lúcidas reflexões do geógrafo russo Piotr Kropotkin (1842-1921), contemporâneas das de Freud, contra uma leitura restritiva da obra de Charles Darwin que se propagou a tal ponto que a expressão darwinismo social passou a ser sinônimo da luta pela sobrevivência restrita à luta de todos contra todos, da lei do mais forte, como se fosse uma validação científica dos pressupostos hobbesianos tão ao gosto de um liberalismo-conservador. Ao contrário, P. Kropotkin, um assumido discípulo de Charles Darwin, destaca a dialética entre essas duas vertentes, qual seja, a luta pela sobrevivência e a ajuda mútua.

¹⁵ Diga-se, de passagem, que o estado de bem-estar psicológico, social e ambiental da população é como a OMS define o conceito de saúde.

vírus e bactérias. E, mais, nossos destinos se acham atados justamente pela maior integração alcançada desde a constituição do sistema mundo capitalista moderno-colonial patriarcal e que tem na compressão do espaço pelo tempo, enfim, na velocidade, um valor supremo – *time is Money*¹⁶. A alienação da nossa inscrição como seres humanos no metabolismo da vida levada ao paroxismo pelo sistema mundo capitalista moderno-colonial com sua sobrevalorização da riqueza como equivalente geral, abstrato, com o dinheiro e sua expressão quantitativa, nos fez ignorar as dimensões concretas/metabólicas e qualitativas das relações biocenóticas com as diversas biotas, com seus tempos/ritmos próprios de produção e reprodução, assim como os vários tempos/ritmos da multiplicidade de povos e culturas e suas qualidades próprias. Enfim, etnocídios, genocídios, epistemicídios e ecocídios. Assim, a louvada maior integração da economia global ensejou contradições sentidas de modo desigual segundo o lugar geográfico e social que cada grupo/classe social ocupa, insistimos. As duas regiões que mais se beneficiaram do sistema mundo capitalista moderno-colonial, a Europa e a América Anglo-Saxônica, foram as mais afetadas pela pandemia, ainda que no interior dos países tenham sido os mais vulneráveis, seja pela idade seja pelas condições sociais, os mais afetados.

De fato, a velocidade da transmissão do Coronavírus encontrou na melhor infraestrutura logística, que foram pensadas/construídas justamente para facilitar o deslocamento de mercadorias e gentes, as melhores condições para sua propagação¹⁷. Com isso, e por meio desses objetos técnicos (estradas, portos, aeroportos), alguns paradoxos se ergueram. O primeiro deles diz respeito a uma ordem sociometabólica onde a pandemia aproximou os maiores beneficiários do regime social que nos habita, aos mais prejudicados pela natureza opressora/exploradora/subalternizadora das relações sociais e de poder que (ainda) nos governa. Afinal, o aumento da expectativa média de vida, a longevidade, é um dos critérios mais usados para afirmar a supremacia dos valores ocidentais. Paradoxalmente, os mais idosos são os mais vulneráveis à contaminação da COVID-19 e os que registram maior número de óbitos em decorrência da mesma. Assim, o destino daqueles que mais se beneficiam desse regime se acha atado ao destino dos que

¹⁶ Dizer “tempo é dinheiro” é associar o tempo a um ente abstrato, o dinheiro, referido à quantidade, o que é justo o contrário de dizer “tempo é riqueza”, pois riqueza é, sempre, algo que se desfruta por suas qualidades diferenciadas. Nesse caso, rico é o que dispõe de mais tempo enquanto gozo que pode ser desfrutado. E, numa sociedade capitalista, a mais valia é tempo de trabalho alheio apropriado pelos donos dos meios de produção e pelos gestores que, nesse sentido, são *mais ricos*.

¹⁷ Os países que dependem do turismo foram os mais afetados economicamente pela pandemia.

mais vêm sofrendo seus efeitos mais perversos por sua condição social de oprimido/explorado/subalternizado nas relações sociais e de poder vigentes.

Outro paradoxo que deve ser apontado, e que foi exposto pela dinâmica do Coronavírus, diz respeito à relação que se tem com o tempo, imposta pela geopolítica do conhecimento vigente (MIGNOLO, 2005). Enfim, é a temporalidade própria do capital, com sua velocidade sempre crescente, que lhes permite chamar o diferente de atrasado e preguiçoso e, assim, desqualificar/inferiorizar outras temporalidades/territorialidades. Daí seu caráter colonial. O tempo, segundo a lógica do capital e que tem no relógio sua melhor expressão, se torna uma variável abstrata, dissociada da matéria em sua espaço-temporalidade concreta, como assinalamos acima. Esse tempo abstrato em sua busca de maior produtividade submete a corporeidade material e espiritual dos povos e culturas em seus territórios. Enfim, uma razão insensível.

A dinâmica da acumulação do capital/do aumento de produtividade não se faz fora da natureza e do território e, dessa forma, a temporalidade/velocidade imposta pela concorrência e pela acumulação do capital altera temporalidades/espacialidades outras em seus geossistemas, culturas e outras racionalidades incluídas. Com isso, cadeias tróficas e territorialidades são rompidas em sua dinâmica reprodutiva e seres vivos, como os vírus, se veem tendo que buscar outros ambientes e o fazem com uma velocidade de reprodução própria constantemente atualizada/adaptada.

A velocidade do processo de acumulação imposta pelo capital e sua colonialidade, em sua expansão/invasão permanente de territórios outros, vem encontrando na velocidade de reprodução do Coronavírus um limite sem paralelo em qualquer movimento contestatório ao capitalismo que se vê diante de uma paralisação à escala global. Por seu lado, grupos financeiros, de novas tecnologias digitais, da indústria farmacêutica, de equipamentos médicos e grandes personalidades desse mesmo mundo venham acumulando com a tragédia da pandemia, conforme registram a revista Forbes e a organização da sociedade civil OXFAM. Enfim, a pandemia vem explicitando as contradições do sistema societário que domina o mundo tanto do ponto de vista social e econômico como também epistêmico com seu fundamento na dominação da natureza/separação natureza-sociedade.

A dinâmica mutante do Coronavírus só vem acentuando essa mútua dependência de cada lugar, região, país e continente, ainda que alertando que esse caráter de dependência mútua não deva eludir a assimetria implicada nessas relações sociais e de poder. Afinal, os destinos de todos e de cada um, humanos e não-humanos, estão

implicados nas relações sociais e de poder que constituem o sistema mundo capitalista moderno-colonial em sua inscrição metabólica.

Desde dezembro de 2020 novas variantes do SARS-CoV2/Coronavírus vêm dominando o ambiente. Recentemente a OMS rebatizou as novas variantes em letras do alfabeto grego substituindo as designações iniciais então chamadas como variante britânica, sul-africana, amazônica (Manaus) e indiana¹⁸. Louvemos a iniciativa da OMS, pois assim evita as apropriações geopolíticas interessadas, além de evitar estigmatizações dos lugares/regiões/povos/países como se houvesse um determinismo geográfico¹⁹. Em quatro continentes diferentes – Europa, África, América e Ásia - surgiram variantes que logo atravessaram ares e mares e infectaram populações em todos os lados, sobretudo entre os mais oprimidos/explorados/subalternizados da geografia social.

A inscrição metabólica da dinâmica societária não pode mais ser olvidada, como vem sendo por uma geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2005) que subjaz à geoeconomia e à geopolítica global de caráter *euurocêntrico* que submete a vida à economia: a bolsa ou a vida! Assim como não podemos ignorar a implicação de nossas vidas com as dinâmicas econômicas e políticas que se fazem à escala global, o fato das sociedades estarem inscritas no metabolismo de reprodução da vida implica considerar as múltiplas escalas através das quais as relações se dão tanto local, como regional, como nacional. Afinal, as escalas não são externas às relações sociais e de poder que, no fundo, conformam as escalas que as conformam. As escalas local, regional e, até mesmo, nacional vêm sendo negligenciadas em função dos interesses que se fazem e afirmam à escala global²⁰. No sistema mundo que (ainda) nos governa, as relações sociais e de poder têm sido organizadas de modo hierárquico onde os estados têm tido um papel fundamental na mediação geopolítica e econômica. Entretanto, os estados têm sido capturados, desde os anos 1970 e dos anos 1990 com o Consenso de Washington, por uma lógica empresarial que emana das grandes corporações ensejando o que Aníbal Quijano (2005) designou como *des-democratização* e *des-nacionalização* do estado ao submeter a lógica política à lógica econômica e, assim, levando ao abandono do povo, dos povos, da nação, das nacionalidades (*des-nacionalização*). Com esses conceitos, Aníbal Quijano quis acentuar como o estado abandona a nação e, assim, se *des-nacionaliza* e se *des-democratiza*, emprestando um sentido diferente ao que antes se designava como desnacionalização como sinônimo de estrangeirização. Não, agora, estamos diante da internalização nos/pelos estados das dinâmicas escalares de tal modo em que as

¹⁸ Observemos, entretanto, que no novo batismo, os técnicos da OMS tenham buscado no alfabeto grego as novas referências o que, mais uma vez, reafirma a colonialidade que comanda as organizações (que deveriam ser) multilaterais. E fazem isso, naturalmente, sem se aperceberem que reproduzem a colonialidade do saber e, com isso, a colonialidade do poder. Afinal, a Grécia é o berço da civilização ocidental, diz tradição inventada, e não é o berço de todas as civilizações. Não esqueçamos que a linguagem naturaliza: em certa época se disse que o rumo certo que se deveria tomar era ir para o Oriente e se dizia orientar-se, tanto como em outra época se disse que o rumar era ir para Roma, como faziam os romeiros.

¹⁹ No caso do vírus ebola, as 5 subespécies do ebolavírus que causaram surtos em humanos foram batizados com o nome do país/região: Zaire ebolavirus, Sudan ebolavirus, Tai forest ebolavirus (antigo Côte D'Ivoire ebolavirus), Bundibugyo ebolavirus (distrito da região Oeste de Uganda) e Reston ebolavirus (região pertencente ao Estado da Virgínia, EUA e, no caso da gripe H1N1 georreferenciada no México. As pesquisas historiográficas apontam que a gripe espanhola, como foi batizada a pandemia de 1918, não teria tido sua origem na Espanha, mas sim em Kansas, nos EUA.

²⁰ Milton Santos (Santos, 2003) chegou a cunhar a expressão *globalitarismo* para designar a natureza rígida e assimétrica das relações sociais e de poder que ainda nos dominam e que estão em caos. A ênfase na escala global diz muito dos grupos/classes sociais que se afirmam nessa escala.

oligarquias internas e externas estão imbricadas, o que enseja que os estados abandonem as nações, os povos e as classes em situação de subalternização/opressão/exploração que habitam seus territórios. Com isso, o monopólio da violência legítima, advogado pelo estado se torna, cada vez mais, simplesmente violência e, assim, a legitimidade que implicava a adesão do outro pelo convencimento se torna secundária. Tempos sombrios.

A vida, essa categoria olvidada (LEFF, 2016), em seu metabolismo implica a relação dos corpos de cada quem com a terra, a água, o ar, o fogo, as plantas, os animais enquanto comunidade/sociedade, logo em suas escalas, a começar pelo corpo inclusive dos vírus, pelos lugares/comunidades que abrigam histórias locais de uma diversidade de experiências humanas em suas territorialidades que vêm sendo desperdiçadas pela colonialidade. Afinal, a primeira condição para se colonizar um povo/uma região é inferiorizá-lo/inferiorizá-la e, assim, se desperdiça experiência humana. A devastação, o ecocídio, vem sendo acompanhada pelo epistemicídio.

Insistimos, ainda que em tempos de caos sistêmico, vários setores como o capital financeiro, as grandes plataformas digitais e o setor farmacêutico vêm se beneficiando da pandemia com lucros extraordinários. Em meio ao isolamento social, observam-se ensaios de novas formas de controle social, de relações sociais e de poder, aproveitando-se da atomização generalizada da população, como vem assinalando o filósofo italiano Giorgio Agamben (2020). Nesse sentido, Han (2020) nos dá exemplos das formas de combate à COVID-19 exercidas nos países do Pacífico Oeste que muito bem poderiam ser enredos de episódios da já famosa série de ficção científica *Black Mirror* (2011-...)

Quando alguém sai da estação de Pequim é captado automaticamente por uma câmera que mede sua temperatura corporal. Se a temperatura é preocupante todas as pessoas que estavam sentadas no mesmo vagão recebem uma notificação em seus celulares. Não é por acaso que o sistema sabe quem estava sentado em qual local no trem. As redes sociais contam que estão usando até drones para controlar as quarentenas. Se alguém rompe clandestinamente a quarentena um drone se dirige voando em sua direção e ordena que regresse à sua casa. Talvez até lhe dê uma multa e a deixe cair voando, quem sabe. Uma situação que para os europeus seria distópica, mas que, pelo visto, não tem resistência na China. (HAN, 2020)

Enfim, a prática acima descrita por Han, também teriam sido usadas além da China, em Taiwan, na Coreia do Sul e outros países. Contudo, mesmo que as práticas de biopolítica digital, como denomina Han (2020), tenham sido efetivas no combate à pandemia é de se alertar que essas formas de controle social com essas tecnobiopolíticas podem se desenrolar no futuro com práticas de controle de temperatura corporal, do peso, nível de açúcar no sangue ou seja lá mais o quê. Na verdade, já estão sendo postas em prática quando, com um celular, podemos ser orientados nas compras que fazemos quanto à quantidade de calorias e proteínas que adquirimos. Tudo para o bem da sua saúde, dizem. Na recente abertura das Olimpíadas de Tóquio, um dos momentos mais destacados pela grande mídia foi a imagem de um globo terrestre formado por drones. Enfim, a

estética do controle sendo naturalizada. A biopolítica digital está aí e não precisamos de nenhum regime autoritário centralizado, como se acusa os regimes comunistas. Segundo Han, já não vivemos mais sobre a ação do poder disciplinar e, mais, vivemos sob uma sofisticação refinada da “sociedade de controle” que reforça a servidão voluntária (Etienne La Boétie) através de um "poder inteligente", onde o biopoder se faz por meio de uma psicopolítica e interferindo nos desejos mais ocultos de cada um. Para isso, Han expõe que as redes sociais e o *big data* possuem um papel fundamental com seus algoritmos com o "controle pela permissão" (poder inteligente) e, assim, conseguem armazenar um máximo de informações, criar espécies de psicogramas individuais ou coletivos com a base de dados extensa para posteriormente utilizá-las para o que bem entende ou, simplesmente, vende-las. Ainda segundo Han, esse novo momento não seria possível se não vivêssemos a era neoliberal que, mais que um conjunto de medidas de caráter político-econômico, que é, é também um modo de vida (Lander, 2006) que instiga o culto exacerbado do indivíduo, reduzindo a liberdade ao bem-estar realizado pelo conforto e pelo consumo, o que Felix Guatarri havia caracterizado como “fabricação capitalística da subjetividade”.

Ensaio de Mundos Outros em Meio ao Caos

Como a história da humanidade move-se por contradições, outros horizontes de sentido para a vida vêm sendo engendrados em plena pandemia. Várias iniciativas de caráter local vêm sendo registradas entre populações indígenas, camponesas, quilombolas e nas periferias urbanas, seja com barreiras sanitárias para se auto protegerem, seja para garantir alimentação em restaurantes populares, seja auto organizando creches para cuidar das crianças para que as mães possam ir ao trabalho.

“Um pouco como fez a nação indígena wampi, na Amazônia peruana, através do seu “governo territorial autônomo”. Os wampis aproveitaram a pandemia para declarar sua floresta e seu “território integral” como “hospital natural”, exigindo o reconhecimento dessa condição e sua proteção por parte do Estado peruano. Assim, não permitirão a entrada de pesquisadores e empresas farmacêuticas para explorar suas florestas e apropriar-se de suas riquezas em termos de medicamentos, acumulados através dos próprios saberes da comunidade indígena. O governo do território autônomo também se encarregará de implementar um “Centro de Producción de Medicina Natural” a fim de proporcionar melhores condições de saúde para os wampis, “como um ato reivindicatório de revalorização e importância das plantas *maestras*” (HAESBAERT, 2021).

Nessas iniciativas há que se destacar o empenho e as iniciativas das mulheres que acumularam *expertise* de cuidado com a produção/reprodução e não só com a produção,

ainda que essa *expertise* não deva ser atribuída a alguma condição natural na divisão sexual do trabalho, mas sim inscritas nas relações sociais e de poder em sua dimensão de gênero²¹. Haveremos de buscar aí nessas experiências horizontes de sentidos outros para a vida e para a política.

Destacamos, aqui, que essas outras racionalidades práticas indicam caminhos de outras relações com o que, na sociedade ocidental, se chama natureza, e cujo paradigma dominante fala de dominação da natureza como expressão maior do que entende por desenvolvimento. É esse paradigma de “dominação da natureza” com o uso da “tecnociência”, ambas expressões cunhadas por Francis Bacon (1561-1626), que está em crise.

A pandemia do Coronavírus é, talvez, a expressão mais completa desse fundamento - “dominação da natureza” – imposto pelo patriarcalismo que subjaz a esse fundamento científico que informa a lógica do capital. O próprio Francis Bacon reivindicava uma “filosofia masculina” para efetuar a “dominação da natureza” que seria estendido a tudo e todos que à natureza fosse assimilado: às mulheres, aos povos não-brancos “por natureza” inferiores, aos que trabalham com as mãos (proletários e camponeses) que deveriam se submeter aos que trabalham com a mente, com a cabeça (*capita*). O conceito de natureza bem vale uma missa, parodiamos Karl Marx! (PORTO-GONÇALVES, 1989). O que vem sendo gestado, a contrapelo, são outros horizontes de sentido com base no cuidado. Até aqui não temos uma ciência do cuidado, mas da dominação da natureza. Outras matrizes de racionalidade, como a dos chamados povos tradicionais, até aqui dominados pelo colonialismo em suas múltiplas escalas, nos mostram com suas territorialidades outras, outros horizontes de sentido para a vida. E não só no mundo não-urbano como se costuma crer. Afinal, é comum, nas periferias das cidades brasileiras, se fazer mutirão e, nas cidades do mundo andino, a minga. Ambas expressões - “mutirão” e “minga” - têm origem no mundo indígena: mutirão é uma palavra/uma prática de origem guarani e significa ajuda mútua; minga, é de origem quéchua-aymara,²² significa trabalho coletivo realizado para o bem comum e que conforma relações comunitárias de outro tipo. É como se as periferias dessas grandes cidades estivessem diante de uma colonização efetuada pelos de baixo, se é que a

²¹ E gênero e sexo, sabemos, são conceitos distintos.

²² Minga, Mink'a - trabalho coletivo realizado para o bem comum. Trabalho mútuo dado para o trabalho retornado. Acordo recíproco em que uma pessoa convida outros a trabalhar para ele em troca do fornecimento de comida e bebida. O beneficiário está moralmente obrigado a devolver o trabalho quando chamado. Dicionário Andino Quecha/Aymara, 2020.

expressão colonização nos permite essa subversão de sentidos. Em suma, seja mutirão ou minga são práticas de trabalho em comum, práticas de ajuda mútua que (r)existem nas periferias das cidades latino-americanas e que sinalizam para os limites da colonialidade do saber que se impõe como obstáculo cognitivo²³. Muitas são as iniciativas que vêm sendo postas em prática nesses tempos de pandemia com base nessas tradições reinventadas tanto no mundo não-urbano como nas periferias urbanas das cidades latino-americanas. Consideremo-las, pois.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. 2020. O estado de exceção provocado por uma emergência imotivada. Instituto Humanitas Unisinos [S.I], 27 fev. 2020. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596584-o-estado-de-excecao-provocado-por-uma-emergencia-imotivada>.

CASTORIADIS, Cornelius. 1982. A Instituição Imaginária da Sociedade. Ed. Paz e Terra, São Paulo.

DAVIS, Mike. 2020. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In **DAVIS**, Mike *et al.* Coronavírus e luta de classes. Ed. Terra Sem Amos, Ceará e Piauí.

DICIONÁRIO INCA/ANDINO (Quechua, Aymara) – Glossário de termos da Tradição Nativa Sagrada Andina. Consultar: <http://www.illa-a.org/cd/diccionarios/DicAMLQuechuaOrig.pdf>

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu. [1921], 2011. In **FREUD**, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras.

GUTIERREZ, Raquel. Horizontes Comunitario-populares: producción de común más ala de políticas estadocêntricas. 2017. Ed. Traficantes de Sueños, México.

HAESBAERT, Rogério. Inédito. A Exacerbação das Desigualdades Socioespaciais e Contenção Territorial em Tempos de Pandemia.

HAN, Byung-Chul. 2020. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã. El País. [S.I.]. 22 mar 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>.

_____. 2020. Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Editora Âyiné. 7ª edição. Belo Horizonte.

²³ Lançamos mão aqui desse conceito de Raquel Gutierrez Aguillar (Gutierrez, 2017) que cunhou a expressão para se referir ao estado que nos impede ver outras práticas e outros horizontes de sentido para a vida que estão aí.

HERRERA, Guillermo Castro. 2020. Notas para uma historia ambiental de la salud. Ed. Halac – Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña. [s.i], pp. 107-116, abr. 2020.

KROPOTKIN, Piotr ([1921], 2009). A ajuda mútua: um fator de evolução. A Senhora Editora. São Sebastião.

LANDER, Edgardo. 2006. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas. Ed. CLACSO, Buenos Aires.

LEFF, Enrique. 2016. A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Ed. Vozes, Petrópolis.

LEFF, Enrique. 2004. Racionalidade ambiental. A reapropriação social da natureza. México: Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

LUCHA INDÍGENA. 2020. (ano 14, n. 168, set. 2020). Disponível em: <https://www.servindi.org/actualidad-noticias/10/09/2020/edicion-lucha-indigena>. Acessado em 15 set 2020.

MATURANA, Humberto, **VARELA**, Francisco. 1995. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas, SP: Psy II.

MÉNDEZ, Ricardo. 2020. Sitiados por la pandemia. Del colapso a la reconstrucción: apuntes geográficos. Madrid: Revives.

MIGNOLO, Walter. 2005. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In **LANDER**, Edgardo. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas. Ed. CLACSO, Buenos Aires.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE/WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2020. Considerations for implementing and adjusting public health and social measures in the context of COVID-19: interim guidance. [S.I], 4 November, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/considerations-in-adjusting-public-health-and-social-measures-in-the-context-of-covid-19-interim-guidance>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE/WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2020a. Weekly Epidemiological Update. 22 december 2020. Disponível em <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update---22-december-2020>. Acesso em: 23 dez. 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, **ROCHA**, Pedro Henrique e **TRINDADE**, Helena. 2021. Para compreender a geografia do Coronavírus e da COVID-19. Uma crise sanitária, epistêmica e política. Inédito.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. 1989. Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente. Ed. Contexto, São Paulo.

QUIJANO, Aníbal. 2009. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In **Santos**, Boaventura de Sousa e **MENEZES**, Maria Paula (Orgs). 2009. Epistemologias do Sul. Ed. CES, Coimbra, Portugal.

_____. 2005. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.19, n.55.

RIBEIRO, Silvia. 2021. Los Oscuros Orígenes del Vírus I e II. La Jornada, México, 30 de janeiro de 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa e **MENEZES**, Maria Paula (Orgs). 2009. Epistemologias do Sul. Ed. CES, Coimbra, Portugal.

SANTOS, Milton. 2003. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 10ª edição.

WALLERSTEIN, Immanuel. 2001. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro.

_____ 2002. Como Concebemos do Mundo o Fim. Ed. Revan, Rio de Janeiro.

ZAVALETA MERCADO, René. 1982. Problemas de la determinación y la forma primordial. In: FLACSO. América Latina: desarrollo y perspectivas democráticas. Ed. FLACSO, Costa Rica. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20160314050721/14proble.pdf>. Acessado em 20 dez. 2020.